

Um passado presente: a construção da(s) identidade(s) e memória(s) na cidade de Antônio Carlos (1980 – 2012)

DAYANNE SCHETZ¹

Um passado que se faz presente

Premente se faz pensar a história não apenas como uma ciência do passado, mas como uma ciência do presente (BLOCH, 2001, p.52), pois, apesar das dúvidas que surgem de questionamentos que fazemos observando o tempo pretérito, é no presente que elas serão analisadas, estudadas e possivelmente respondidas. É no presente que temos a capacidade de observar os documentos como possíveis fontes de pesquisa aptas a responder às imprecisões e questionamentos que estão contidos no agora.

Entendendo que a apreciação sensorial da cidade não pode ser reduzida a arquitetura, que é a partir da interação daqueles que habitam a cidade ou a visitam, que ela passa a ser portadora de múltiplos sentidos (CORBIN, 1998, p. 107), este texto pretende apresentar como questões relacionadas à memória e identidade, na cidade de Antônio Carlos, vem se apresentando enquanto espaço que se mostra como moderno e tradicional simultaneamente. O recorte temporal onde se percebe a construção dos pontos levantados se dá entre os anos de 1980 e 2012, com publicações de livros que tem a cidade como tema principal, onde cultura, fé e “tradição”² aparecem como elementos importantes na (re)significação da cidade e de sua população. Os sujeitos e discursos analisados dizem respeito, pois, a maneira como os descendentes de alemães vêm construindo sua imagem fazendo usos de discursos que visam positivar sua cultura.

¹ Graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo bolsista CNPq e orientada pela Profª. Drª. Janine Gomes da Silva.

² Palavras como: *tradição*, *tradicional* e *típico* são aqui empregadas entre aspas, pois são entendidas como invenções, como construções. Essas invenções são entendidas enquanto “[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” (HOBSBAWM, E. 1997, p. 9).

As representações sobre as cidades e as identidades étnicas não devem ser pensadas como algo natural, pois são construídas e reforçadas por meio das relações de poder, forjadas por agentes sociais (FROTSCHER, 2000, p. 187 – 188); por isso, buscar-se-á compreender os espaços que a cidade vem criando, construindo e (re)significando como “tradicionais”. A cidade de Antônio Carlos, localizada na região da Grande Florianópolis, a pouco mais de trinta quilômetros da capital do estado de Santa Catarina, tendo como um de seus limites territoriais aquela que foi a primeira colônia alemã do Estado (São Pedro de Alcântara), vem ganhando visibilidade, principalmente, por meio de suas festas “tradicionais”, mas não só.

A identidade da cidade e de seu povo vem sendo construída, e não é algo que acontece apenas no presente. Esta questão está sendo analisada por meio do uso de fontes orais e de obras que abordam a cidade de Antônio Carlos e seus habitantes. Ambas as fontes serão analisadas visando perceber como os discursos, contidos na fala dos que ali vivem ou pela escrita dos mesmos, tem apresentado a questão da identidade da cidade e seus habitantes, mas também será analisada enquanto lugar portador da memória, sendo ela escrita³ ou não.

Uma cultura “tetrarracial”?

A busca da identidade dos moradores e moradoras acontece, em um primeiro momento, com o livro *Alto Biguaçu: Narrativa cultural tetrarracial*, de autoria de Raulino Reitz, padre e botânico nascido na cidade. Com tal livro, Reitz se propõe a abordar desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães no vale do rio do Louro, até o ano de 1988, ano de publicação do livro, onde ele traz fotografias e transcrição de alguns documentos considerados, por ele, importantes para a construção da história da cidade. Reitz não fez críticas muito precisas às fontes, normalmente trazendo-as transcritas sem muitos comentários a respeito. As principais críticas que o autor fez dizem respeito aos momentos em que a população de origem alemã é criticada de maneira negativa, fazendo, então, com que as pessoas desacreditassem nessa imagem de um povo trabalhador e religioso. Outra questão a

³ Os livros que serão elencados como fontes no corpo deste texto foram escolhidos por serem aqueles que apresentam as questões relacionadas a memória e a identidade da cidade, abordando a história geral do município, mas tendo como enfoque principal a cultura alemã.

ser apontada é a predominância, no livro, da narrativa a respeito dos teutos. Desta maneira, a “narrativa cultural tetrarracial” não chega a ser tão tetra racial, já que há valorização de uma cultura, enquanto as outras aparecem como meras coadjuvantes do processo histórico, social, político e cultural da cidade.

O livro de Reitz⁴ é um dos primeiros a trazer à luz a questão identitária da cidade, dando ênfase a uma cultura, no caso, a teuto-brasileira. O autor praticamente chega a fazer um diálogo com o leitor, apontando para questões que o mesmo acreditava serem de extrema importância para a construção da história do município, para a construção da memória das pessoas que ali viviam e vivem. Por isso se torna imprescindível entender os discursos que viriam a se formar, principalmente a partir desta obra, e que na posterioridade foram ficando mais fortes, não apenas sendo apresentados pelo poder público ou em propagandas e reportagens sobre a cidade e as festas, mas nas redes sociais, que vem fortalecendo um imaginário sobre Antônio Carlos e os Antônio-carlenses.

O livro de Wendelino Meurer, *Antônio Carlos: sua terra e sua gente*, do ano de 2008, em sua dedicatória escreve: “Dedicamos este livro à memória de todos os imigrantes e seus descendentes que fixaram residência na região do atual município de Antônio Carlos.” (MEURER, 2008. P. 7). Os imigrantes referidos, como a leitura feita no livro aponta, são aqueles chegados em 1830, de origem alemã, ganhando destaque no livro, sendo que, assim como outras obras, a história da cidade tem início com a chegada destes colonizadores.

A alimentação também vem ganhando significados e significando a cultura teuto-brasileira da cidade. O ato de preparar alimentos vem ganhando destaque enquanto espaço de memórias, como aponta Rafael Menegon, no livro *Delícias da Melhor Idade: livro de receitas*⁵, publicado no ano de 2012 e que contém “[...] receitas elaboradas por mãos tão

⁴ Raulino Reitz é autor de outros livros com viés histórico, como *Frutos da Imigração*, publicado em 1963 que trata sobre a família do autor e os imigrantes que vieram da Alemanha; além do livro *Santa Bárbara: primeiro núcleo de colonização alemã de Santa Catarina*, publicado em 1991 (a obra foi organizada por Pe. Artulino José Besen, também nascido em Antônio Carlos). A obra de Reitz, *Frutos da Imigração*, teria sido inspiradora para a obra de Wendelino Meurer, que escreveu sobre o processo de colonização de Rachadel, Alto Rachadel e Rio Farias, comunidades de Antônio Carlos (MEURER, 2008. p. 39 – 40).

⁵ Livro que teve iniciativa da Prefeitura Municipal de Antônio Carlos e recebeu apoio da Universidade Federal de Santa Catarina e da PAHEF (Pan American Heatch and Education Foundation). Todas as senhoras que contribuíram com receitas para a elaboração do livro fazem parte dos Grupos da Terceira idade de Antônio Carlos.

delicadas[...]”, se tornará, segundo consta na apresentação, “[...] uma grande homenagem aos idosos e a cultura de Antônio Carlos, um livro sobre culinárias desse povo [...]” (MENEGON, 2012, p. 12). Receitas de rosca de polvilho, santa fé⁶, frango recheado, recheio⁷, entre outras, fazem do livro um local onde as receitas feitas nas festas “tradicionais” da cidade, possam ser acessadas e preparadas, também, por pessoas que não moram na região. A alimentação é atrativa, até mesmo para as festas que acontecem anualmente no município. Na chamada da página da prefeitura municipal para a trigésima quinta Festa do Colono (que ocorreu em 2012), a indicação da comida “tradicional” é posta como um “chamariz” para turistas:

Para acompanhar o prato mais tradicional e saboroso da cozinha germânica local, o frango com recheio alemão, a organização oferece gratuitamente porções de salada, preparadas com as hortaliças cultivadas no município. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS, 2012)

As festas que acontecem na cidade são consideradas “tradicionais” por conta do tempo que elas já ocorrem⁸ e pelos pratos “típicos” que elas apresentam aos turistas, moradores e moradoras da cidade. Torna-se um meio de mostrar a cultura (teuto-brasileira, novamente) dos Antônio-carlenses para outras pessoas. Ainda na apresentação do livro, Rafael Menegon informa que este é uma forma dos “filhos dessa terra” conhecerem como seus antepassados se alimentavam, podendo preparar as receitas que aprenderam com suas avós (MENEGON, *Op. Cit.*). Considerando que tais receitas são passadas de uma geração a outra, e que gerações são lugares que possuem tempos diferentes, elas podem também ser locais onde um grupo de pessoas de faixas etárias aproximadas (ou não) vive em uma determinada época ou tempo social e compartilham alguma vivência ou experiência. As gerações não existem de maneira isolada, interagem entre si “estando em referência mútua, contraposição ou até oposição umas às outras” (MOTTA, 2010, p. 234). Não sendo isoladas, o espaço social da cozinha é local

⁶ Espécie de rosca pequena e em tiras, feita com polvilho, água, banha, ovo e sal. Normalmente, quando ainda está quente, prepara-se clara em neve batida com açúcar e coloca-se por cima do santa fé.

⁷ Comida preparada com moela e coração de frango, gordura de frango, farinha de rosca, ovos, sal, noz-moscada e cebolinha verde. É colocado em sacos plásticos e cozido em uma panela com água. É o mesmo recheio utilizado no preparo das galinhas recheadas.

⁸ A Festa do Colono irá para sua trigésima sexta edição; Festa da Hortaliça irá para a edição de número vinte e três e a Festa da Cachaça, para a de número vinte e seis.

para desenvolver contato entre gerações diferentes: é o espaço em que mães e avó repassam as filhas e netas seus modos de saber fazer.

Interessante é perceber, no livro citado, que, com exceção de duas senhoras que apresentam sua(s) receita(s), as demais são de origem alemã. Em um total de trinta e três receitas apresentadas (todas as receitas possuem, em sua página anterior, a foto da dona dos saborosos pratos e seu nome completo), um número muito reduzido (duas) foram preparadas e apresentadas por mulheres que carregam um sobrenome⁹ que não é de origem germânica.

Seja por meio de livros, panfletos ou reportagens, tenta-se mostrar uma certa unidade cultural da população, positivando, assim, o trabalho, a fé e as “tradições” dos moradores nascidos na cidade. Não se falará aqui de meios de memória, e sim de locais de memória, visto que o sentimento de continuidade acaba se estendendo aos locais (NORA, 1993, p. 7) e o local de memória aqui é a própria cidade, onde passado e presente, “tradicional” e moderno aparecem, simultaneamente, no mesmo espaço. Refere-se “tradicional”, aqui, às questões ligadas ao passado da cidade, a presença da agricultura como meio de sustento de muitas famílias, sendo Antônio Carlos reconhecido como maior produtor de hortaliças de Santa Catarina, em que cerca de 80% das famílias da cidade vivem da agricultura (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS, 2012). Quanto ao moderno, apontam-se aqui as indústrias que vem se instalando na cidade, com destaque para a que começou a ser construída no ano de 1986: a Fábrica Catarinense de Refrigerantes Ltda. (REITZ, 1988, p. 116). Atualmente a empresa Vonpar Refrescos S/A é a responsável pela produção de bebidas que levam a marca Coca-Cola. Moderno e “tradicional” se ‘confundem’ novamente, quando colocamos a água como um dos principais atrativos da cidade: não apenas para a produção do que é ‘moderno’ a água vem sendo utilizada, mas também na produção daquilo que é considerada uma “tradição” na cidade: a cachaça, que é celebrada na Festa da Cachaça, realizada anualmente. Passado e presente se misturam na cidade: permanências não apenas das questões identitárias, mas também de aspectos econômicos que ainda são fortes em

⁹ No caso de uma das senhoras, o sobrenome de seu esposo é de origem alemã. No outro caso, o nome que carrega do pai e do esposo não são de origem germânica.

Antônio Carlos, como a produção agrícola e de aguardente, que são transmitidos de geração a geração.

É essa memória que será estudada: a memória que vem sendo construída, a memória histórica e coletiva da cidade, o que Michael Pollak chama de “memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p. 2) já que a memória é um fenômeno social, construído coletivamente e mutável (HALBWACHS, 2006, p. 29 – 70) e pode ser originada de acontecimentos vividos por ‘tabela’, ou seja, acontecimentos que a pessoa podia não estar presente, mas que o grupo no qual ela está inserida participou, e ela toma como uma memória sua (POLLAK, *Op. Cit.*, p. 2). No estudo que se faz compreende-se que não apenas o que é dito deve ser percebido. Os silêncios, os “não-ditos”¹⁰, também devem ser entendidos enquanto discursos. Não apenas o que é dizível nos diz algo. O indizível pode mostrar algo que deseja ser transmitido ou imposto, podendo ser utilizado para manter a coesão ou a separação de determinados grupos (POLLAK, 1989, p. 8 – 9). Perceber os ‘discursos silenciosos’, as memórias que são menos visibilizadas, são investigações que esta pesquisa também propõe problematizar.

A memória atua juntamente com a construção da identidade da cidade e do povo. Antônio Carlos é uma extensão da Colônia de São Pedro de Alcântara, fundada em 1829 por alemães. A Colônia teria fracassado por conta de dificuldades encontradas pelos colonos, principalmente ligadas a pouca produtividade da terra, ao solo pobre e montanhoso (GERTZ, 1987, p. 22 e REITZ, *Op. Cit.*, p. 41). Independente de a colônia ter ou não prosperado, famílias alemãs começaram a migrar para regiões adjacentes (ou não) a São Pedro de Alcântara, fundando assim novas áreas de colonização alemã. Antônio Carlos e São Pedro de Alcântara teriam, então, um histórico em comum e, segundo a propaganda em comemoração aos cento e setenta e oito anos da imigração alemã para Antônio Carlos, sua origem em um povo com “[...] Sobrenomes iguais, traços semelhantes, olhos claros, linguajar típico, fé em Deus; e a grande virtude herdada por várias gerações germânicas: a força destemida para o trabalho.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, 2008).

¹⁰ O conceito de não-dito que Michel de Certeau também se apropria é, ao mesmo tempo, o que foi ocultado dos textos que se tornaram pretextos, a exterioridade daquilo que se faz com relação àquilo que se diz, e a eliminação de um lugar ou de uma força que se articula numa linguagem. (CERTEAU, 2007, p. 72).

Pode-se, então, levantar como ponto de discussão essa ideia de uma identidade comum através também da “força destemida para o trabalho”. Como mostra Cynthia Machado Campos, é como se a cultura fosse fator responsável na formação de uma personalidade (CAMPOS, 2006, p. 32).

Na cidade é possível observar placas indicativas de ruas em estilo colonial, que são apresentadas no corpo do presente projeto. Tais placas foram afixadas na cidade na segunda quinzena do mês de abril do ano de 2012 (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS, *Op. Cit.*).

Figura 01: Placa em estilo colonial na área central da cidade de Antônio Carlos.



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS. *Placas em estilo colonial são colocadas nas ruas do município*. 04 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.antoniocarlos.sc.gov.br/conteudo/?item=923&fa=1&cd=136095>> . Acesso em 18 set. 2012.

Não há definição, na página visitada, a qual ‘colono’ estaria se referindo quando se trata desse estilo próprio para as placas. É preciso, pois, atentar para o fato de que, com exceção dos alemães que ocuparam a região que veio compor o município de Antônio Carlos, as outras etnias não são lembradas como colonizadoras. Ressalta-se também o uso do termo

colono nos dias atuais: colono é aquele que cultiva a terra, que trabalha com esses produtos, e os colonos da cidade vivem em comunidades¹¹ do interior, sendo que a maior parte deles tem suas raízes na cultura alemã. As próprias festas (Colono, Hortaliça e Cachaça) festejam não apenas aquilo que é produzido, mas a força do trabalho dessas pessoas.

Percebe-se a importância que é conferida à cidade, também no vídeo produzido pela EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), onde são apresentados aspectos ligados principalmente à agricultura, no vídeo há uma tentativa de demonstrar positivamente a cultura alemã no município. Em um dos trechos do vídeo produzido pelo órgão citado, a informação dada sobre a cidade é que: “Os traços da cultura alemã estão presentes no jeito de ser e de viver dos mais de sete mil habitantes de Antônio Carlos.” (EPAGRI, 2010, 1min’2seg”). Há uma generalização da origem étnica da população, colocando todos como descendentes de alemães. É buscar positivar, de alguma forma, essa ideia de uma identidade de um povo trabalhador que segue sua vida com ordem e determinação, ou seja, aquilo que seria capaz de levá-los ao progresso. Essa é uma ideia presente no site da prefeitura municipal da cidade, onde se afirma que:

O maior legado deixado pelo imigrante alemão foi a força destemida para o trabalho nas terras de Antônio Carlos. Seus descendentes construíram ao longo do século XX um patrimônio cultural bastante expressivo. Mantiveram os principais costumes e ergueram o município com ordem e determinação. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS, Op. Cit.)

Mais uma vez a cultura alemã é exaltada, mas nada se fala da contribuição das demais etnias que também se fizeram e se fazem presentes no município. É possível perceber como a cultura alemã vem ganhando visibilidade na cidade, também, por leis que são aprovadas, como a que cooficializa a língua Hunsrück¹² na cidade. O idioma, que muito se perdeu ao

¹¹ A região que veio compor o município de Antônio Carlos tinha sua divisão pelo que chamamos ainda hoje de comunidades, sendo que cada nome tem uma história a ser contada. Essas histórias constam no livro de Raulino Reitz. A nomenclatura comunidade é utilizada, na cidade, para designar o modo como se dá a vida ali. Em uma comunidade, o centro social das pessoas não depende diretamente da região central da cidade, sendo que em um bairro, a vida social dos que ali moram está mais vinculada ao centro dessa cidade. Em Antônio Carlos, a denominação bairro é utilizada para endereços em correspondências, por exemplo.

¹² Não será usada aqui a palavra dialeto e sim língua/idioma, por ser essa a nomenclatura atribuída ao Hunsrück na Lei que o cooficializa. Cooficializar significa tornar uma segunda língua como oficial em uma cidade.

longo dos anos, principalmente devido as Políticas de Nacionalização no Estado de Santa Catarina na década de 1930 e que se fortaleceram no Estado Novo Vargasista (1937 – 1945), é a que foi trazida pelos imigrantes alemães para essa região. A cooficialização dessa língua intenta incentivar o aprendizado do Hunsrück nas escolas públicas municipais; sendo a justificativa para tal o anseio de querer recuperá-la, já que é considerada patrimônio imaterial e, ao que parece, na tentativa de (re)afirmar a presença da cultura alemã na cidade. Sua aprovação ocorreu em momento significativo, no ano em que se comemoravam os cento e oitenta anos de imigração alemã para Antônio Carlos (CÂMARA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS, Lei Legislativa 132/2010, 2010).

Ainda em relação a esse idioma, cita-se aqui o livro *Meyne Sproch, Meyne Seele – Minha língua, minha alma*, escrito por Leonidio Zimmermann, atualmente residente no município de Biguaçu, mas nascido no município de Antônio Carlos. O livro conta com uma compilação de crônicas escritas por ele desde o ano de 2002 para o Jornal Biguaçu em Foco, em Hunsrück. As primeiras foram dispostas no livro em Hunsrück e em português, mas a segunda parte do livro conta apenas com as publicações escritas na forma original. Ozias Alves Jr, um dos fundadores do já referido jornal, parte em defesa da publicação deste livro e do idioma Hunsrück. Por ter sido uma língua ágrafa em seus primórdios, Ozias aponta para a possível extinção desse idioma, e traz as línguas ágrafas como “os idiomas dos pobres, dos sem cidadania, dos esquecidos, dos abandonados à própria sorte, dos incompreendidos, dos que não tiveram oportunidades” (ALVES JR, 2011, p. 29), apresentando, já nesse pequeno trecho, o estilo de escrita de seu jornal.

Essa ideia de uma (re)valorização do Hunsrück em Antônio Carlos perpassa questões de identidade, entendida aqui, como sendo algo capaz de identificar as pessoas, de tornar algo semelhante. Segundo Sandra Pesavento, “enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento” (PESAVENTO, 2005, p. 89). Sendo a cultura uma mediação entre os sujeitos que compõem o grupo, estabelecendo entre aqueles que dele fazem parte comunicação e comunidade (PROST, 1998, p. 135), podendo-se perceber de que modo esse grupo representa e imagina o mundo que o rodeia (SIRINELLI, 1992, p. 3 *Apud* RIOUX; SIRINELLI, 1998, p.

20), entende-se que a identidade está, nesse sentido, ligada a cultura, já que ambas podem criar noção de pertencimento a determinado grupo social. Kathryn Woodward mostra a identidade como algo relacional e formada a partir das diferenças, sendo uma construção simbólica e social (WOODWARD, 2000, p. 10 – 11). São os contrapontos feitos com as demais culturas da cidade que afirmam a identidade daqueles que descendem de alemães, na cidade de Antônio Carlos.

Considerações Finais

Destaca-se que, com esta pesquisa, como mencionado em momento anterior, pretende-se problematizar as questões relacionadas à(s) memória(s) e identidade(s) vivenciadas na cidade de Antônio Carlos. Assim, das primeiras observações, presentes na obra de Raulino Reitz, para os novos e atuais discursos, presentes em outras documentações, destacam-se outras possibilidades para olhar a cidade (e seus habitantes), que atualmente recebe migrantes de outras regiões, mas insiste em valorizar antigos laços com um passado de imigração alemã, valorizando essa cultura, apresentando-a como um cartão de visita para aqueles que são atraídos para a cidade, seja para conhecer os parques aquáticos; a natureza da região, ou as festas “tradicionais”, que apresentam as comidas “típicas”, vendidas durante a festa, especialmente no jantar (sábados à noite) e no almoço (aos domingos); e também, a produção de hortifrutigranjeiros da cidade, produtos estes que podem ser comprados após o desfile das máquinas agrícolas, que acontecem aos domingos pela manhã, no caso da Festa do Colono e da Hortaliça.

Analisar e refletir sobre os discursos que foram e ainda são construídos sobre identidade(s) e memória(s) na cidade estudada é preciso; para que seja compreendido aquilo que se apresenta aos olhos de quem a conhece e, também, para os que ali vivem. É preciso, pois, não apenas observar esses discursos ditos e mais visíveis, mas também observar os discursos “não-ditos”, aqueles que não são tão evidentes ou evidenciados, percebendo a importância de outras culturas, de outras etnias na cidade, buscando não apenas historicizar

sua presença na região, mas de que forma elas se fazem presentes nos meios sociais, econômicos, culturais e políticos da cidade.

Fontes

CÂMARA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS – ESTADO DE SANTA CATARINA. Lei Legislativa 132/2010. Dispõe sobre a cooficialização da língua Hunsrückisch no Município de Antônio Carlos. 21 set 2010. 2p.

EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina). *Antônio Carlos: Terra de oportunidades*. Reportagem. Direção de Eoni Malgaresi, imagens de Jerry Bittencourt e Marco Lemos, edição de Antonio Azevedo e Sebastião de Góis e coordenação de Ângela Pinotti. 9 minutos e 19 segundos. S/d. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7TYC0zsfL3A&feature=results_video&playnext=1&list=PL1BB1C894A2EAD7F0>. Acesso em: 02 abr. 2012.

MEURER, Wendelino. *Antônio Carlos: sua terra e sua gente*. Antônio Carlos : Edição do Autor, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS. *Delícias da Melhor Idade*: Livro de receitas. Antônio Carlos, Outubro de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS. *Placas em estilo colonial são colocadas nas ruas do município*. 04 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.antoniocarlos.sc.gov.br/conteudo/?item=923&fa=1&cd=136095>> . Acesso em 18 set. 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Antônio Carlos: 178 anos de Colonização Alemã (1830 – 2008)*. Folder. Acervo da autora.

REITZ, Raulino. *Alto Biguaçu: narrativa cultural tetrarracial*. Florianópolis: Ed. Lunardelli/Ed. da UFSC, 1988.

ZIMMERMANN, Leonídio. *Meyne Sproch, meyne seele – Minha língua, minha alma*. Blumenau: Nova Letra, 2011.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155 – 202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Parte 1: História e Literatura. In: *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 43 – 97.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P. 97 – 110.

CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2006.

CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 75 – 99.

FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (orgs.). *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000. p. 71 – 90.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.), *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.

KARNAL, Leandro; TASCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9 – 27.

MARTINS, Suzana Oliveira. *Análise do discurso*. Disponível em: <http://www.revista.ajes.edu.br/arquivos/artigo_20110220121606.pdf>. Acesso em 04 de outubro de 2012.

MOTTA, Alda Britto da. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. In: *Revista Sociedade e Estado* - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Proj. História. São Paulo. (10). Dez 1993.

ORLANDI, Eni P. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. In: *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. p. 53 – 59.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Vão surgindo os sentidos. In: ____ (org). *Discurso fundador* (a formação do país e a construção da identidade nacional). Campinas, SP: Pontes, 1993).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da história. In: _____. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2005. p. 69-98.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2 n. 3, 1989, p. 3- 15.

_____. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.

PROST, Antoine. Social e cultural, indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P. 123 – 137.

RIOUX, Jean-Pierre. A memória coletiva. . In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P. 307 – 334.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.